



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA, CONTABILIDADE E
SECRETARIADO EXECUTIVO – FEAAC
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

ALEXANDRE RIBEIRO DE OLIVEIRA

O ARTESANATO NO ÂMBITO DA ECONOMIA CRIATIVA: O CASO DA
COMUNIDADE DA MOITA REDONDA, CASCAVEL/CE.

FORTALEZA, 2013

ALEXANDRE RIBEIRO DE OLIVEIRA

**O ARTESANATO NO ÂMBITO DA ECONOMIA CRIATIVA: O CASO DA
COMUNIDADE DA MOITA REDONDA, CASCAVEL/CE.**

Monografia apresentada à Faculdade de Economia,
Administração, Atuária, Contabilidade e Secretariado
Executivo, como requisito parcial para obtenção do
grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra Maria dos Santos

FORTALEZA

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade

O45a Oliveira, Alexandre Ribeiro de.
O artesanato no âmbito da economia criativa: o caso da comunidade da Moita Redonda,
Cascavel/CE / Alexandre Ribeiro de Oliveira - 2013.
67 f.: il.

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia,
Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Ciências Econômicas, Fortaleza, 2013.
Orientação: Profa. Dra. Sandra Maria dos Santos.

1.Artesanato 2.Criatividade 3.Desenvolvimento local – Cascavel-CE I. Título

ALEXANDRE RIBEIRO DE OLIVEIRA

**O ARTESANATO NO ÂMBITO DA ECONOMIA CRIATIVA: O CASO DA
COMUNIDADE DA MOITA REDONDA, CASCAVEL/CE.**

Esta monografia foi submetida à Coordenação do Curso de Ciências Econômicas, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Economia, outorgado pela Universidade Federal do Ceará – UFC e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que feita de acordo com as normas de ética científica.

Data de aprovação ___/___/___

Prof.^a Dra. Sandra Maria dos Santos
Orientadora

NOTA

Prof. Dr. José de Jesus Sousa Lemos
Membro da Banca Examinadora

NOTA

Prof.^a Dra. Eveline Barbosa Silva Carvalho
Membro da Banca Examinadora

NOTA

À meu avô José Gerardo Ribeiro
(*in memoriam*) que em vida
desejava me ver formado. Espero
algum dia poder nos encontrarmos
para celebrar esse momento.

À minha bisavó Olívia Craveiro de
Almada (*in memoriam*) pelo
carinho sempre especial dedicado
a mim.

À minha mãe Kátia de Almada
Ribeiro pelo apoio incondicional,
amor e dedicação.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me dar força, sabedoria, saúde, paciência e coragem para continuar lutando por meus objetivos.

À minha mãe, Kátia de Almada, pela dedicação para com a minha educação, amor, respeito e apoio nas horas mais difíceis.

Ao meu pai, Aécio Flávio Alves pelos incentivos a estudar, a ler e procurar sempre o melhor.

À minha irmã, Angélica Ribeiro, pela força e apoio durante esta caminhada.

À todos os meus familiares que torcem pelo meu sucesso.

À minha amiga e companheira de faculdade, Vanessa Alves, pela força e por dedicar seu tempo a me ajudar nos estudos para conclusão do curso de Economia.

Aos meus amigos que me ajudaram durante toda esta caminhada, Carlos Vasconcelos, Lediane Parente, Jean Moreira, Leide de Castro, Daniel Carvalho, Alan Costa, Alisson Barros.

À minha orientadora Sandra Santos, pela paciência, confiança, parceria, incentivo e colaboração para a conclusão deste trabalho.

Aos professores José Lemos e Eveline Carvalho por fazerem parte da banca examinadora.

À comunidade da Moita Redonda pela receptividade e carinho.

À todos que não tiveram seus nomes citados, mas colaboraram durante a realização deste trabalho.

As mãos de Vitalino

(Rafael dos Santos Barros)

De Vitalino,
as mãos eram mãos santas,
que modelaram em barro
os nordestinos
e transportaram a dor e os desatinos
para os bonecos, tantas vezes, tantas!
Bonecos mudos!
Quantas vezes, quantas?
minha alma cega, por meus olhos, viu
a tua dor meu coração sentiu
no canto triste que ainda hoje cantas.
Soprou-se a vida num boneco mudo,
que sem falar, assim, dizia tudo
dos nordestinos, dos destinos seus,
Advertência dos que nascem pobres
pelas mãos rudes que ficaram nobres,
abençoadas pelas mãos de Deus!

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo verificar o papel do artesanato no âmbito da economia criativa na comunidade da Moita Redonda, município de Cascavel, Ceará. Considerando a economia criativa como estratégia de desenvolvimento e o artesanato como uma de suas indústrias criativas, foi realizado um estudo de caso com a participação de vinte e oito artesãos da comunidade e com o presidente da Associação de Artesãos de Moita Redonda – AAMR. A coleta de dados foi realizada com base em dados primários e através de pesquisa de campo. Isto possibilitou conhecer o perfil socioeconômico dos artesãos destacando a considerável participação de mulheres, faixa etária entre quarenta e um e sessenta anos com maior representatividade, predominância do ensino fundamental incompleto, renda de meio até um salário mínimo, sendo o artesanato a principal atividade econômica. A partir dos resultados é possível destacar o artesanato nas dimensões econômica e social como uma atividade capaz de promover incremento da renda, ocupação e por possuir caráter inclusivo. Através da pesquisa constatou-se a participação da associação de artesãos como um instrumento de apoio ao artesão e promoção do artesanato local.

Palavras-chave: Criatividade, Indústrias Criativas, Economia Criativa, Artesanato.

ABSTRACT

This research paper aims at examining the role of craft for the creative economy in Moita Redonda, a local community in Cascavel, Ceará. Considering the creative economy as a development strategy, and crafts as one of its creative industries, a case study involving twenty-eight artisans of the community and the president of the Association of Artisans Moita Redonda - AAMR has been carried out. Data collection has been done through field research and based on primary data. This has contributed to a better understanding of the socioeconomic profile of the artisans, highlighting the meaningful participation of women, aging predominantly between forty one and sixty years old. Most of them have incomplete elementary school, their monthly income ranges from half to one minimum wage and craftwork is their main economic activity. Having reached these results, it is possible to point out the craftsmanship in the economic and social dimensions as an activity which is capable of promoting income increase, work and social inclusion. Also, through this research paper it has been confirmed the active participation of the association of artisans as a tool which gives support to the artisans and promotes local artisan craftwork.

Keywords : Creativity, Creative Industry, Creative Economy, Craft

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos artesãos por sexo.....	43
Tabela 2 – Idade dos participantes da pesquisa	44
Tabela 3 – Escolaridade dos participantes da pesquisa	44
Tabela 4 – Distribuição dos salários.....	45
Tabela 5 – Fontes de renda dos artesãos.....	46
Tabela 6 – Geração de trabalho (ocupação).....	48
Tabela 7 – Geração de renda	48
Tabela 8 – Nível de satisfação	50
Tabela 9 – Interesse pelo trabalho formal	50
Tabela 10 – Aumento do número de artesãos	51
Tabela 11 – Autoestima dos artesãos	52
Tabela 12 – Satisfação e motivação aliadas a criatividade	52
Tabela 13 – Participação dos artesãos na associação	54

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 01 – Criatividade inserida na economia atualmente.....	17
Figura 02 – Indústrias criativas, segundo a UNCTAD	22
Figura 03 – Modelo dos círculos concêntricos, de David Throsby	23
Figura 04 – Cadeia Produtiva da Indústria Criativa	25
Figura 05 – Localização da comunidade da Moita Redonda.....	40
Figura 06 – Mapa da rota turística do Museu Vivo do Barro da Moita Redonda e seus 45 ateliers.....	42
Figura 07 – Artesãs entrevistadas em seus ateliers.....	47
Figura 08 – Forno para cozedura das peças de barro e artesã modelando o barro.....	53
Figura 09 – Maromba para compactação do barro	54
Figura 10– Entrevista com o Presidente da Associação de Artesãos de Moita Redonda - AAMR	56
Figura 11 – Entrevista em atelier da comunidade	67
Figura 12 – Artesanato de renda produzido na comunidade.....	68
Quadro 01 – Modelo de classificação das indústrias de copyright	24
Quadro 02 – Cadeia da Indústria Criativa no Brasil	26
Quadro 03 – Cadeia integrada da geração de valor.....	29
Quadro 04 – Tipologias de Artesanato.....	35
Quadro 05 – Organização do Trabalho Artesanal.....	36

LISTA DE SIGLAS

AAMR – Associação de Artesãos de Moita Redonda

BNB – Banco do Nordeste do Brasil

CEART – Central de Artesanato do Ceará

DCMS – *Department for Culture, Media and Sport*

DECON – Divisão de Estudos Econômicos

FIRJAN/RJ – Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDM – Índice de Desenvolvimento Municipal

IES – Índice de Exclusão Social

MDIC – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

ONG – Organização Não Governamental

PAB – Programa do Artesanato Brasileiro

PIB – Produto Interno Bruto

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Amparo à Pequenas e Médias Empresas

UNCTAD – *United Nation Conference on Trade and Development*

WIPO – *World Intellectual Property Organization*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 Criatividade	16
2.2 Economia Criativa: contextualização histórica	18
2.3 Campo de atuação da indústria criativa	21
2.4 Economia Criativa como estratégia de desenvolvimento	27
3. ARTESANATO	31
3.1 Definição	31
3.2 O artesanão.....	33
3.3 Categorias e tipologias do artesanato	34
3.4 Organização do trabalho artesanal	36
4. METODOLOGIA	38
4.1 Natureza da pesquisa	38
4.2 Coleta de dados	39
4.3 Artesanato na Comunidade da Moita Redonda – Estudo de caso	39
5. ANÁLISE DOS RESULTADOS	43
5.1 Perfil socioeconômico dos artesãos da comunidade da Moita Redonda ...	43
5.2 O artesanato como indústria criativa: importância nas dimensões econômica e social	47
5.3 Relevância da Associação de Artesãos de Moita Redonda – AAMR.....	53
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICE A	63
APÊNDICE B	66
APÊNDICE C	67
APÊNDICE D	68

1. INTRODUÇÃO

As atividades relacionadas à cultura, tecnologia, inovação, arte e negócios são alguns dos segmentos criativos que impulsionam a economia criativa, também denominada de indústrias criativas. Para exemplificar a diversidade de segmentos criativos formam parte do núcleo da indústria criativa produções ligadas a cultura, expressão popular e arquitetura como artesanato, literatura, pintura, esculturas, gastronomia, moda, músicas, fotografia, festas populares ou a comunicação e produção audiovisual através de TV, rádio, cinema, propagandas e ainda através da tecnologia na produção de aplicativos, games, animação digital e softwares.

O artesanato é parte integrante da economia criativa e proporciona uma imensa colaboração na preservação da tradição cultural fruto do repasse de conhecimentos, técnicas e saberes atravessando gerações. Para além do caráter simbólico e cultural o artesanato gera renda e ocupação demonstrando ser uma atividade capaz de prover inclusão social e desenvolvimento local (REIS, 2008).

O Brasil possui enorme extensão territorial e grande miscigenação (culturas indígenas, africanas e européias) o que permite diferentes classificações e regionalização do artesanato. Estes fatores possibilitam diferentes técnicas aplicadas no processo artesanal e variadas tipologias. Segundo dados do IBGE (2007) o artesanato está presente em 64,3% dos municípios brasileiros evidenciando a importância desta atividade como manifestação cultural do país. Existem ainda em mais da metade dos municípios brasileiros exposições e feiras de artes que são responsáveis pela divulgação e promoção dos produtos artesanais.

Devido à importância da atividade artesanal para o Nordeste o BNB (2002), elaborou pesquisas mostrando que 34,4% dos municípios da região Nordeste, em 2002, possuíam alguma atividade artesanal. A pesquisa revela que no ano 2000, dos 614 municípios do Nordeste com algum tipo de produção artesanal, somente 79 possuíam infraestrutura satisfatória de produção capaz de atender ao mercado consumidor. Dos 79 municípios apontados pela pesquisa apenas 59 reuniam condições para competir no mercado externo.

Segundo o BNB (2002), a expansão do setor turístico na região Nordeste colabora para a expansão dos níveis de comercialização do artesanato, importante fonte de renda para uma parcela significativa de homens e mulheres. A produção artesanal permite a inclusão de pessoas sem qualificação formal e este caráter inclusivo colabora para a geração de emprego e renda mostrando ser um instrumento estratégico de desenvolvimento regional.

O estado do Ceará segundo BNB (2002) é o mais organizado nesta atividade e quase todos os principais centros produtores são considerados pólos de artesanato. O estado possui alto volume de produção e possui projetos sólidos com importante apoio governamental o que contribui para definir o estado como o maior produtor e comercializador de artesanato no Nordeste.

No Ceará 76,1% dos municípios cearenses desenvolvem atividades envolvidas com artesanato. Este número demonstra o grande potencial que essa atividade representa para a economia e cultura do estado. Aproximadamente um em cada quatro municípios do Nordeste envolvidos com produção artesanal são cearenses. A produção artesanal no Ceará possui vantagens como: boa aceitação do mercado consumidor interno e externo, produção diversificada e apoio de seis polos de artesanato (Fortaleza, serra de Aratanha e Baturité, Cariri, Ibiapaba, Jericoacora, Canoa Quebrada). Existem também problemas inibidores do crescimento da produção artesanal como: falta de capital de giro, padronização dos produtos e organização da produção (BNB, 2002).

Nesse contexto, esta pesquisa busca responder à seguinte questão: Qual o papel da indústria criativa do artesanato na comunidade da Moita Redonda – Cascavel/CE.

O objetivo geral deste trabalho consiste em verificar o papel do artesanato no âmbito da economia criativa na comunidade da Moita Redonda – Cascavel/CE.

Tem-se como objetivos específicos: identificar o perfil socioeconômico dos artesãos; verificar a importância do artesanato como indústria criativa nas dimensões econômica e social; compreender a relevância da associação para o artesanato local.

A Monografia está dividida em seis seções, incluindo esta introdução que apresenta a relevância da pesquisa, bem como a estrutura de desenvolvimento deste estudo.

Na seção 2 apresenta-se uma revisão de literatura sobre economia criativa com ênfase na criatividade, conceitos e apresentação de modelos.

Na seção 3 apresenta-se uma revisão bibliográfica sobre o artesanato destacando definição, conceitos, o artesão, categorias e tipologias e organização do trabalho artesanal.

Na seção 4 será apresentada a metodologia da pesquisa e desenvolvimento do estudo de caso na comunidade da Moita Redonda – Cascavel/CE.

Na seção 5 serão apresentados os resultados da pesquisa de campo.

Na seção 6 serão apresentadas as considerações finais do trabalho.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção discute-se a criatividade e também os conceitos de indústria criativa e economia criativa destacando sua abrangência e o seu caráter inclusivo na promoção de desenvolvimento.

2.1 Criatividade

É impossível discorrer sobre Economia Criativa sem lembrar que a criatividade é seu principal insumo. Criatividade está ligada à capacidade de produzir, descobrir, inventar ou de criar soluções diferentes para diversos tipos de situações. A economia valoriza recursos naturais e materiais como ouro, prata, petróleo, madeira, dinheiro e deve valorizar ainda mais a criatividade. Diferente dos recursos naturais e materiais a criatividade é ilimitada. Quanto mais se cria, mais se adquire criatividade (REIS, 2008).

Segundo Howkins (2001), criatividade é definida pela capacidade de fazer algo novo. O autor define dois tipos de criatividade: a que se relaciona com a realização enquanto indivíduos, que é privada e pessoal, e a que gera um produto destinado ao mercado. A primeira está presente em todas as sociedades e em diferentes culturas. Ela pode ser estimulada em sociedades abertas e democráticas ou restringida em sociedades fechadas e totalitárias. A segunda está mais presente em sociedades de origens mais industrializadas e ocidentais através de estímulos a tecnologia, ciência e inovação.

Para Reis (2008), criatividade possui inúmeras definições que não se limitam somente na elaboração de algo novo, mas na capacidade de se reinventar, na diluição de paradigmas tradicionais e união de pontos desconexos favorecendo a resolução de novos e velhos problemas. A criatividade está caracterizada como uma produção que valoriza a singularidade, o simbólico e aquilo que é intangível. A incorporação de características culturais à criatividade gera valor, além de produtos tangíveis com valores intangíveis.

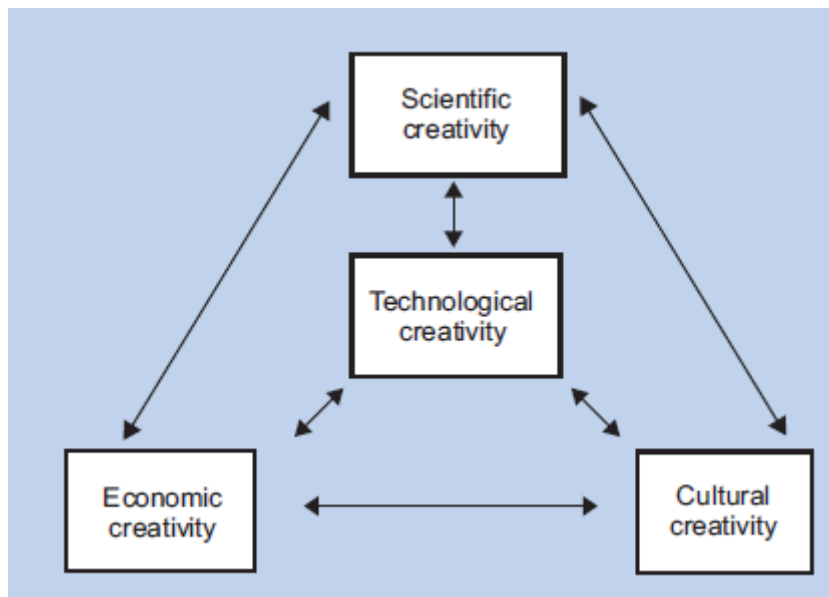
De acordo com a UNCTAD (2008), não existe somente uma definição para criatividade que possa abranger todas as dimensões desse fenômeno. Independente do conceito a criatividade é o elemento principal para definir a atuação da economia

criativa e das indústrias criativas. O relatório cita três dimensões que, de alguma maneira, estão relacionadas com a criatividade tecnológica. Entende-se por criatividade tecnológica a articulação de ciência, economia, tecnologia, humanidade e artes que atuam de forma colaborativa para produzir algo novo e útil. As três dimensões são apresentadas de forma individual, conforme segue:

- a) a criatividade artística está associada à imaginação, geração de idéias novas e interpretação do mundo, expressas em texto, som e imagem;
- b) a criatividade científica está ligada às novas experiências, curiosidade e capacidade de criar soluções para os problemas;
- c) a criatividade econômica está relacionada aos negócios, marketing, inovação e vantagens competitivas na economia.

As três dimensões envolvem criatividade tecnológica em maior ou menor extensão de maneira interligada como mostra a Figura 1.

Figura 1 – Criatividade inserida na economia atualmente.



Fonte: UNCTAD (2008, p.9)

2.2 Economia Criativa: contextualização histórica

O conceito de economia criativa é originado do termo indústrias criativas possuindo diferentes interpretações. A primeira definição surgiu em 1994 na Austrália através do relatório *Creative Nation* elaborado pelo governo australiano. (UNCTAD, 2008).

Segundo Reis (2008, p.16), o governo australiano defendia, dentre outros elementos, “a importância do trabalho criativo, sua contribuição para a economia do país e o papel das tecnologias como aliadas da política cultural, dando margem à posterior inserção de setores tecnológicos no rol das indústrias criativas”.

A Inglaterra em 1997 se tornou referência ao aprofundar o tema e incluir as indústrias criativas na agenda política e econômica do país. O governo britânico motivado pela forte competição econômica global, reuniu vários setores na elaboração de análises das contas nacionais do Reino Unido, tendências de mercado e vantagens competitivas nacionais dando origem ao primeiro mapeamento da indústria criativa (*Creative Industries Mapping Document*). Nesse mapeamento, o Ministério da Cultura, Mídia e Esportes (*Department for Culture, Media and Sport – DCMS*), criou uma força tarefa das indústrias criativas e identificou os treze setores de maior potencial. (REIS, 2008; UNCTAD, 2008).

Ainda de acordo com Reis (2008), a Inglaterra tornou-se referência e exemplo para outros países no que diz respeito ao setor criativo da economia. Segundo a autora,

O exemplo do Reino Unido tornou-se paradigmático por quatro razões: I - contextualizar o programa de indústrias criativas como resposta a um quadro socioeconômico global em transformação; II - privilegiar os setores de maior vantagem competitiva para o país e reordenar as prioridades públicas para fomentá-los; III - divulgar estatísticas reveladoras da representatividade das indústrias criativas na riqueza nacional (7,3% do PIB, em 2005) e com crescimento recorrentemente significativo (6% ao ano, no período 1997-2005, frente a 3% do total); IV - reconhecer o potencial da produção criativa para projetar uma nova imagem do país, interna e externamente, sob os slogans “Creative Britain” e “Cool Britannia”, com a decorrente atratividade de turismo, investimentos externos e talentos que sustentassem um programa de ações complexo. (REIS, 2008, p. 17)

Uma das principais definições dadas à economia criativa é atribuída ao DCMS do Reino Unido. A economia criativa é definida como “indústrias que têm sua origem na criatividade individual, habilidade e talento e que têm um potencial de riqueza e criação de emprego através da geração e exploração da propriedade intelectual” (DCMS, 1998, p.3).

O termo “indústrias criativas” aprofunda o entendimento de que as indústrias culturais e das artes tradicionais apresentam potencial comercial em suas atividades, antes considerada como não econômica. As indústrias criativas formam o núcleo de um campo amplo intitulado como economia criativa. (UNCTAD, 2008).

Segundo a UNCTAD (2008, p. 13), as indústrias criativas são:

I - os ciclos de criação, produção e distribuição de bens e serviços que usam a criatividade e o capital intelectual como insumos primários. II - constituem um conjunto de atividades baseadas no conhecimento. III - compreendem os produtos tangíveis ou serviços intangíveis com conteúdo criativo, valor econômico e objetivos de mercado. IV - constitui um novo setor dinâmico no comércio mundial.

O conceito de economia criativa surge para mostrar a força que a criatividade exerce na vida econômica e social contemporânea. Existem diferentes interpretações conceituais que não permitem uma definição comum para o conceito de economia criativa, portanto serão citadas definições e abordagens de autores e instituições que vieram a publicar estudos sobre essa temática.

O autor inglês John Howkins foi um dos primeiros a tentar definir o conceito de economia criativa no seu livro “*The Creative economy – How people make money from ideas*”, lançado em 2001. Howkins (2001) em sua obra destaca que criatividade e economia não são novidades, mas o que é novo é a natureza da combinação de ambas propiciando a geração de valor e riqueza.

Economia criativa é definida segundo Howkins (2001, p.8) "como as transações de produtos criativos que têm um bem econômico ou serviço que resulta da criatividade e tem valor econômico"

Jaguaribe (2006, s.p.) enfatiza o caráter de propriedade intelectual das indústrias criativas e destaca que a fronteira destas indústrias com relação à sua abrangência não é bem definida, conforme se observa no texto que se refere:

[Indústrias criativas] produzem bens e serviços que utilizam imagens, textos e símbolos como meio. São indústrias guiadas por um regime de propriedade intelectual e [...] empurram a fronteira tecnológica das novas tecnologias da informação. Em geral, existe uma espécie de acordo que indústrias criativas têm um *coregroup*, um coração, que seria composto de música, audiovisual, multimídia, *software*, *broadcasting* e todos os processos de editoria em geral. No entanto, a coisa curiosa é que a fronteira das indústrias criativas não é nítida. As pessoas utilizam o termo como sinônimo de indústrias de conteúdo, mas o que se vê cada vez mais é que uma grande gama de processos, produtos e serviços que são baseados na criatividade, mas que têm as suas origens em coisas muito mais tradicionais, como o *craft*, folclore ou artesanato, estão cada vez mais utilizando tecnologias de *management*, de informática para se transformarem em bens, produtos e serviços de grande distribuição.

Segundo Santos-Duisenberg (2008), a economia criativa é um conceito amplo e em processo de evolução que está ganhando espaço no novo pensamento econômico. A economia criativa surge como uma mudança nas estratégias de desenvolvimento mais tradicionais voltadas para os termos de comércio, com foco nas *commodities* primárias e na fabricação industrial. A referida autora define economia criativa como "uma abordagem holística multidisciplinar, que lida com a interface entre a economia, a cultura e a tecnologia, centrada na predominância de produtos e serviços com conteúdo criativo, valor cultural e objetivos de mercado."

De acordo com Reis (2008), setores e processos que tem como insumo a criatividade caracterizam a economia criativa. Desta forma criam-se condições para resgatar o cidadão (inserindo-o socialmente) e o consumidor (incluindo-o economicamente), através de um ativo que emana de sua própria formação, cultura e raízes. Este panorama de coexistência entre o universo simbólico e o mundo concreto permite tornar a criatividade em catalisador de valor econômico. Para Reis (2008. p 9) "Uma produção que valoriza a singularidade, o simbólico e aquilo que é intangível: a criatividade. Esses são os três pilares da economia criativa."

Nesse sentido, se entendermos a Economia Criativa como um apanhado de indústrias criativas, não caberá novidade, já que a criatividade é reconhecida como combustível de inovação desde sempre. A novidade reside no reconhecimento que o contexto formado pela convergência de tecnologias, globalização e insatisfação com o atual quadro socioeconômico mundial atribue à criatividade o papel de motivar e embasar novos modelos de negócios, processos organizacionais e institucionais e relações que galvanizam um novo modelo. Integram esse modelo características como protagonismo do consumidor, ampliação de escolhas, valorização da

diversidade cultural, criação de canais alternativos de produção, distribuição e consumo, dentre outras. (REIS, 2008, p.24)

Em 2008, a *United Nations Conference on Trade and Development* – UNCTAD, órgão vinculado as Nações Unidas que busca promover e discutir o desenvolvimento econômico por meio do incremento ao comércio mundial publicou o relatório *Creative Economy*. (UNCTAD, 2008).

De acordo com o relatório *Creative Economy* (UNCTAD, 2008), a economia criativa é um conceito em evolução com base em ativos criativos, potencialmente geradores de crescimento e desenvolvimento econômico.

A economia criativa promove a geração de empregos, exportação, renda, inclusão social, diversidade cultural e desenvolvimento humano. Possui abrangência sobre aspectos econômicos, culturais e sociais aliados a tecnologia, propriedade intelectual, turismo. É um conjunto de atividades econômicas baseadas no conhecimento tornando-se opção viável para a inovação (UNCTAD, 2008).

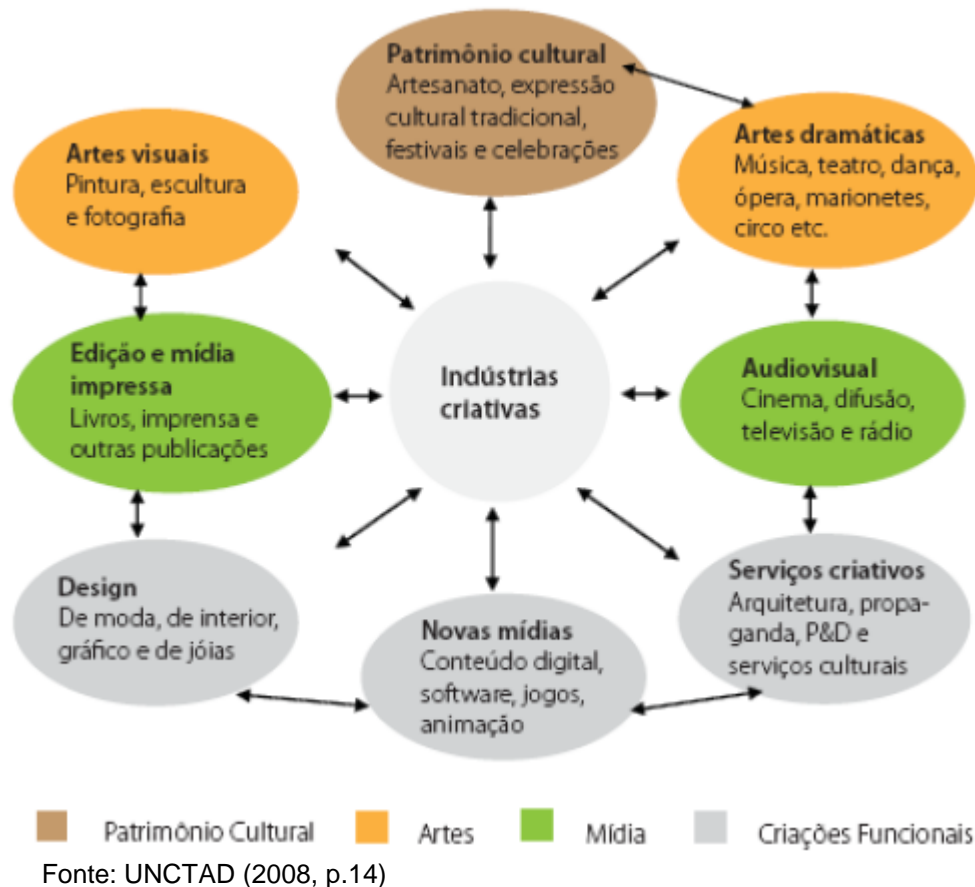
2.3 Campo de atuação da indústria criativa

As indústrias criativas possuem um campo amplo de atuação interagindo com diferentes setores. Ao longo dos anos a abrangência das atividades cresceu possibilitando a formulação de modelos que caracterizam de forma sistemática a estrutura da indústria e da economia criativa. Embora existam características em comum entre os modelos, através destes é possível entender a diversidade de atividades envolvidas com potencial artístico, cultural, comercial e econômico.

Três modelos de classificação fundamentais são propostos para o entendimento das atividades e setores que compõem as indústrias criativas: Classificação da UNCTAD (2008), Modelo dos Círculos Concêntricos (THROSBY, 2001), Modelo da Organização Mundial da Propriedade Intelectual (WIPO, 2003) e ainda a classificação apresentada pela Divisão de Estudos Econômicos da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (DECON, 2008).

A classificação da UNCTAD (2008) divide as indústrias criativas a partir de quatro grupos: patrimônio cultural, artes, mídia e criação funcional. Os grupos estão relacionadas com nove subgrupos. É possível entender melhor através da Figura 2.

Figura 2 – Indústrias criativas, segundo a UNCTAD

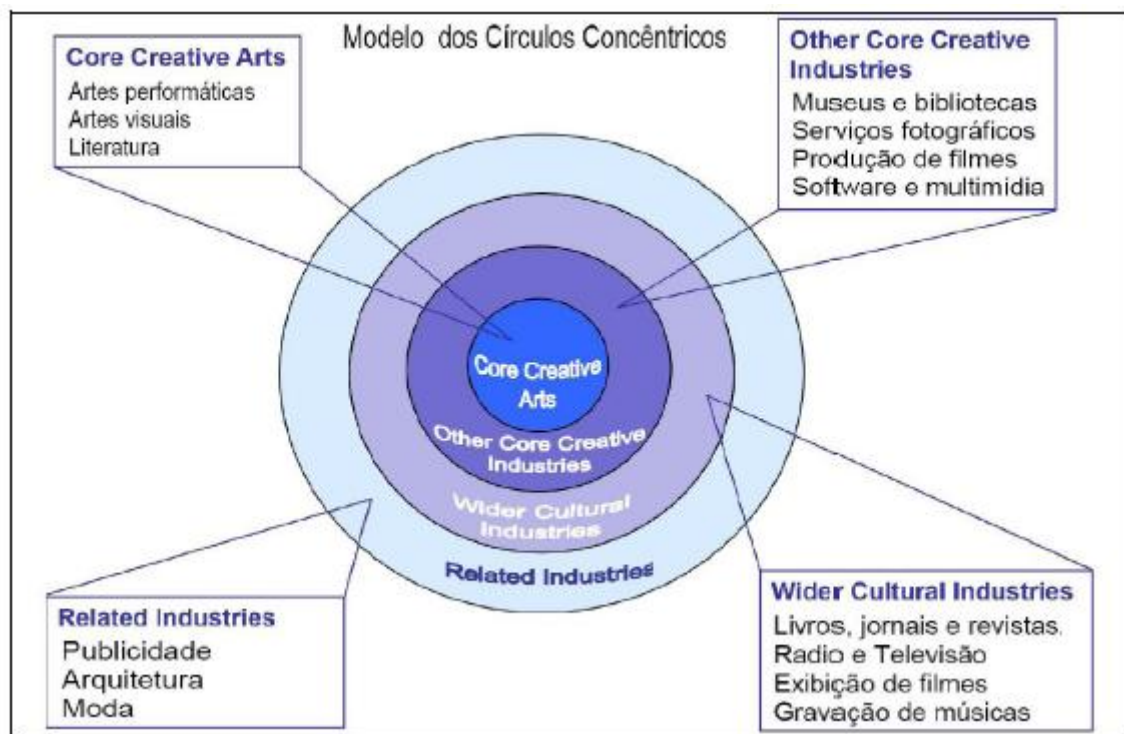


A partir deste modelo é possível visualizar a divisão em quatro grandes grupos complexos divididos em nove subgrupos. As atividades mais tradicionais como o artesanato objeto de estudo deste trabalho estão incluídas no grupo ligado ao patrimônio cultural. Este grupo está dividido em dois subgrupos: sítios culturais e expressões culturais tradicionais. As atividades relacionadas com arte e cultura estão associadas ao grupo das artes que está subdividido em artes visuais e artes cênicas. Os conteúdos criativos envolvidos em mídia impressa, publicação e audiovisual são subgrupos de comunicação relacionados ao grupo de mídia. O grupo de criações funcionais está orientado pela demanda de criação de bens e

serviços ligados aos subgrupos de design, novas mídias e serviços criativos (UNCTAD, 2008).

O Modelo de Círculos Concêntricos está relacionado, principalmente, a um núcleo de atividades criativas tradicionais em forma de artesanato, literatura, artes visuais, música, dança e teatro. Segundo Throsby (2001), estas atividades influenciam as demais camadas do círculo, quanto mais próximo do núcleo maior o conteúdo cultural e quanto mais afastado maior o conteúdo comercial. (Figura 3)

Figura 3 – Modelo dos círculos concêntricos, de David Throsby



Fonte: Throsby (2007, p.5)

No centro do modelo estão às indústrias criativas do núcleo, são atividades mais tradicionais incluindo o artesanato. As camadas seguintes estão associadas: as outras formas de indústrias criativas (vídeo, software e multimídia), as indústrias culturais mais abrangentes (mídia impressa, rádio, televisão, áudio e vídeo) e as indústrias relacionadas que por estarem mais afastadas do núcleo perdem um pouco da essência cultural (publicidade, arquitetura, turismo, moda).

O modelo WIPO (2003), elaborado pela Organização Internacional da Propriedade Intelectual é composto por indústrias envolvidas direta e indiretamente na criação, fabricação e distribuição de material protegido por direitos autorais (*copyright*). O foco principal é sobre a propriedade intelectual resultante da criatividade na fabricação de bens e serviços aos consumidores. Este modelo inclui quatro grupos de indústrias *copyright* relacionado com atividades que não são comuns aos outros modelos. No Quadro 1 é possível verificar um resumo sobre os tipos de indústrias de *copyright*, características e grupos de indústrias relacionados.

Quadro 1 – Modelo de classificação das indústrias de *copyright*

TIPO DE INDÚSTRIA DE <i>COPYRIGHT</i>	CARACTERÍSTICA	GRUPOS DE INDÚSTRIAS RELACIONADOS
Indústrias do núcleo de <i>copyright</i> (<i>core copyright industries</i>)	Indústrias que produzem e distribuem obras protegidas por <i>copyright</i>	Propaganda, cinema e vídeo, teatro, rádio, televisão, artes visuais e gráficas, softwares, banco de dados, literatura, editoração.
Indústrias de <i>copyright</i> interdependentes (<i>interdependent copyright industries</i>)	Indústrias envolvidas diretamente na produção e venda de equipamentos com o objetivo de facilitar a criação, produção ou uso de obras.	Equipamentos fotográficos, instrumentos musicais, computadores, equipamentos de informática, fotocopiadoras, aparelhos de rádio, TV, CD, DVD.
Indústrias de <i>copyright</i> parcial (<i>partial industries</i>)	Indústrias que apenas uma parcela de sua produção esta envolvida com a produtividade intelectual	Vestuário, calçados, indústria têxtil, arquitetura, engenharia, trabalhos manuais, porcelanas, brinquedos e jogos.
Indústrias de apoio não dedicadas (<i>non-dedicated support industries</i>)	Atividade relacionada no auxílio da difusão, comunicação, distribuição ou venda de obras ou outros materiais protegidos. Atividades não incluídas no grupo de <i>core copyright industries</i> .	Atacado e varejo em geral, transporte em geral, telefonia e internet.

Fonte: WIPO (2003)

A Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro – FIRJAN, através da Divisão de Estudos Econômicos – DECON, elaborou um estudo realizado em 2008: “A cadeia da Indústria Criativa no Brasil” com o objetivo de analisar a importância das indústrias criativas na economia brasileira. Este estudo teve como

base a revisão da literatura internacional respeitando a realidade brasileira. A definição de indústria criativa pela UNCTAD (2008) norteou o estudo e aprofundou a abordagem do tema a partir da adoção de uma visão de cadeia possuindo como centro as indústrias criativas.

Com base na revisão internacional e respeitando-se as especificidades da realidade brasileira, foi empreendido um esforço de definir a indústria criativa no Brasil, com a finalidade de mensurar sua importância econômica. Ainda que não haja uma única definição consensual, o relatório da UNCTAD sugeriu uma definição de indústria criativa que foi tomada como base para o presente estudo, ou seja, são “os ciclos de criação, produção e distribuição de bens e serviços que usam criatividade e capital intelectual como insumos primários”. Desta forma, a abordagem é expandida, adotando-se uma visão de cadeia. (FIRJAN, 2008, p.13)

Figura 4 – Cadeia Produtiva da Indústria Criativa



Fonte: FIRJAN (2008, p.14)

A cadeia das indústrias criativas no Brasil é apresentada de forma organizada em três grupos de atividades: o núcleo formado por doze setores que tem a criatividade como elemento principal no processo produtivo; as atividades relacionadas envolvem segmentos de provisão direta de bens e serviços ao núcleo, em grande parte formada por indústrias e empresas de serviços fornecedoras de materiais e elementos fundamentais para o funcionamento do núcleo; e as atividades de apoio, ofertantes de bens e serviços de forma mais indireta. O Quadro 2 mostra essas atividades.

Quadro 2- Cadeia da Indústria Criativa no Brasil

Núcleo Criativo			
Expressões Culturais	Artes Cênicas	Artes Visuais	Música
artesanato, festas populares, folclore, museus e bibliotecas	criação artística, produção de espetáculos e artes cênicas	criação artística, ensino de arte e cultura e museus	gravação, edição e mixagem de som; criação e interpretação musical
Filme & Vídeo	TV & Rádio	Mercado Editorial	Software, Computação e Telecom
produção, edição, fotografia, distribuição e exibição	produção e desenvolvimento de conteúdo; programação e transmissão	edição de livros, jornais, revistas e conteúdo digital	desenvolvimento de softwares, sistemas, consultoria em TI e robótica.
Arquitetura	Design	Moda	Publicidade
design de edificações, paisagens e ambientes, planejamento urbano	desenvolvimento de imagem para produtos e empresas, design gráfico e multimídia	desenho de roupas, calçados e acessórios	pesquisa de mercado, administração e imagem
Atividades Relacionadas			
Indústrias		Serviços	
Materiais para artesanato Materiais para publicidade Confecção de roupas Aparelhos de gravação Impressão de livros jornais e revistas Instrumentos musicais Metalurgia de metais preciosos Manufatura de papel e tinta Equipamentos de informática Equipamentos eletroeletrônicos Têxtil Cosmética		Registro de marcas e patentes Serviços de Engenharia Feiras, simpósios, festivais Distribuição de mídias áudio visuais Comércio varejista de moda e cosmético Gestão de espaços Livrarias , editoras, bancas de jornal Suporte técnico de software e hardware	
Apoio			
Consultoria Especializada: gerenciamento de projetos Construção Civil: obras e serviços em edificações Indústria, varejo de insumos, ferramentas e maquinário Turismo Capacitação Técnica: escolas, universidades, unidades de formação Infra-estrutura: telecomunicações, logística, segurança Comércio: aparelhos de som, imagem, instrumentos musicais, moda Crédito: instituições financeiras, patrocínios culturais Serviços Urbanos: limpezas, pequenos reparos, restauração Outros: seguro, advogados, contadores			

Fonte: FIRJAN (2008)

O artesanato está presente nos três modelos de classificação fundamentais para o entendimento das atividades e setores que compõem as indústrias criativas: Classificação da UNCTAD (2008), Modelo dos Círculos

Concêntricos (THROSBY, 2001), Modelo Wipo (2003) e também na classificação apresentada pela Divisão de Estudos Econômicos da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (DECON, 2008). Estes modelos situam o artesanato como atividade de grande relevância dentro do núcleo das indústrias criativas.

2.4 Economia Criativa como estratégia de desenvolvimento

A economia criativa possui forte potencial para geração de renda, ocupação e preservação do patrimônio histórico e cultural. A utilização do capital humano através de sua criatividade propicia estratégias de inclusão, desenvolvimento econômico, social e cultural.

Para Reis (2008) a economia criativa como estratégia para o desenvolvimento está baseada em duas abordagens complementares. A primeira reconhece o capital humano por meio da criatividade, proporcionando estímulo para uma integração de objetivos sociais, culturais e econômicos, em contraste com um modelo excludente de desenvolvimento global pós-industrial. Diante desse antigo conflito social versus econômico a diversidade cultural e as culturas em geral podem ser consideradas como barreiras para o desenvolvimento, ao invés de facilitadores para resolução dos conflitos sociais e econômicos.

A segunda abordagem de Reis (2008) mostra que as mudanças econômicas com destaque para as novas tecnologias trazem benefícios quando alteram os elos de conexão entre a cultura (das artes ao entretenimento) e a economia, possibilitando a abertura de oportunidades econômicas baseadas em empreendimentos criativos. A economia criativa promove a geração de emprego e renda quando está apoiada na criatividade individual, criação de pequenos negócios e menos burocracia.

De acordo com Santos-Duisenberg (2008), a economia criativa está presente em todas as classes sociais, ora como produtora ou em grande parte como consumidora dos produtos e serviços criativos. Esta característica reforça o papel inclusivo que a economia criativa representa para a sociedade. A autora destaca a influência da economia criativa nas economias locais, especialmente nos países em

desenvolvimento no que tange aos aspectos sociais com ênfase na geração de empregos.

Nos países em desenvolvimento, especialmente nos mais pobres, a economia criativa é uma fonte de criação de empregos, oferecendo novas oportunidades para a mitigação da pobreza. Atividades criativas, especialmente as ligadas às artes e às festas culturais tradicionais, geralmente levam à inclusão das minorias mantidas à distância. Isso facilita a maior absorção de parcelas de jovens talentos marginalizados que, na maioria dos casos, envolvem-se com atividades criativas no setor informal da economia. Além disso, como muitas mulheres trabalham na produção de arte e artesanato, nas áreas relacionadas à moda e à organização de atividades culturais, a economia criativa também desempenha um papel catalítico na promoção do equilíbrio de gêneros na força de trabalho criativa. Logo, a economia criativa tem papel inclusivo na sociedade (SANTOS-DUISENBERG, 2008, p. 61).

Segundo a UNCTAD (2008), os países desenvolvidos e em desenvolvimento devem encontrar soluções para aproveitar o grande potencial da economia criativa, pois favorece o crescimento socioeconômico, criação de empregos e exporta ganhos, em paralelo é possível também promover inclusão social, diversidade cultural e desenvolvimento humano. Colaborar na geração de ocupação e renda faz das indústrias criativas e da economia criativa uma base sólida para estratégias de desenvolvimento conectadas essencialmente em atributos humanos, como talentos, criatividade e habilidades.

Ainda conforme a UNCTAD (2008), a economia criativa contribui diretamente para o crescimento das economias locais através da produção de bens e serviços criativos, geração de renda e ocupações ou, indiretamente com a expansão do turismo local facilitando a interação dos turistas com as atrações culturais locais. As cidades com vida cultural ativa são capazes de captar investimentos de outras indústrias.

A economia criativa possui amplas condições para promover o desenvolvimento socioeconômico, porém somente o uso da criatividade como recurso principal não é suficiente.

Reis (2008, p.47) sugere os alicerces necessários para concretizar esse potencial econômico:

1) conscientizar os gestores públicos, privados e a sociedade civil de que inclusão se faz por convergência de interesses; 2) definir e implementar políticas de desenvolvimento transversais aos setores e interagentes; 3) influenciar acordos internacionais para que possibilitem a apropriação dos benefícios da economia criativa por parte das comunidades que os originaram; 4) promover acesso adequado a financiamento; 5) levantar estatísticas que monitorem o desenvolvimento das ações de política pública; 6) disponibilizar infraestrutura suficiente de tecnologia e comunicações; 7) estabelecer um modelo de governança coerente; 8) analisar o processo de geração de valor não em uma estrutura de cadeia, mas de redes;

Para Deheinzelin (2008), a economia criativa se destaca por possuir caráter de inclusão, além de promover oportunidades na geração de trabalho e renda associada à responsabilidade social. A autora também ressalta o favorecimento à diversidade cultural por meio de conhecimentos e técnicas tradicionais nos dias atuais, organização do trabalho informal através de pequenas e micro empresas, integração de diferentes setores e dimensões da sociedade. Estes destaques colaboram para demonstrar que a economia criativa promove desenvolvimento sustentável e humano e não apenas crescimento econômico.

O Quadro 3 reúne uma síntese dos argumentos da autora DEHEINZELIN (2008) demonstrando o poder estratégico e o potencial que a economia criativa representa.

Quadro 3 – Cadeia integrada da geração de valor

Trabalho e Renda	Educação e Social
Geração de emprego, renda e divisas de forma simples, efetiva e de baixo custo.	Qualifica o capital humano, potencializa trocas sociais, eleva autoestima, reforça laços de identidade, estimula a cidadania.
Política e Soberania	Economia
Preservação da diversidade cultural como estratégia de soberania e diferencial de competitividade. Função integradora entre os setores de produção, governos, academia e sociedade civil organizada.	Garantia de diferencial competitivo de um país, modelos econômicos anteriores que não resolveram o problema da pobreza talvez possam ser solucionados pela economia criativa, interface com a economia solidária.
Desenvolvimento Local	
Estratégia para qualificação e revitalização de áreas urbanas, espaços públicos e até rurais. Diversidade cultural e natural integradas em diferenciais locais envolvidos por diferentes setores simultaneamente. (exemplos: turismo, agronegócio, cultura, artesanato e gastronomia integrados).	

Fonte: Deheinzelin (2008, p.36-37)

De maneira geral é possível perceber os benefícios da economia criativa e seu caráter inclusivo na promoção de crescimento socioeconômico através da geração de emprego, renda, riqueza, melhora na qualidade de vida e desenvolvimento local. A utilização de características humanas como criatividade habilidade e talento confere à economia criativa a capacidade de propiciar desenvolvimento inclusivo e sustentável, resgate de tradições e interação de diferentes setores da sociedade.

A seção seguinte abordará o artesanato apresentando alguns conceitos usados para definir essa atividade. Serão destacados o artesão e as categorias e tipologias artesanais.

3. ARTESANATO

Esta seção destaca a atividade de artesanato enfatizando o artesão, categorias e tipologias e organização do trabalho artesanal.

3.1 Definição

O artesanato é uma das mais valiosas expressões populares relacionadas com a cultura, tradição e poder criativo. Embora esteja sofrendo concorrência com produtos industrializados à produção artesanal segue forte e competitiva. O artesanato desperta interesse por possuir, em sua produção, valores simbólicos e artísticos atraindo consumidores de bom poder aquisitivo. Com o passar dos anos a atividade artesanal ganhou notoriedade pela inserção social e econômica através do desenvolvimento regional das comunidades e, em alguns casos, pelas inovações apresentadas em seu processo produtivo. (BNB, 2002).

Existem múltiplos conceitos atribuídos ao artesanato, isto é corroborado por Canclini (1983 apud FILGUEIRAS, 2005) ao expressar a dificuldade em definir um único conceito para artesanato. Para o autor isto acontece na medida em que os produtos considerados artesanais foram modificados a partir do relacionamento com o mercado capitalista, a indústria cultural, o turismo e com as novas formas de lazer, comunicação e arte. Desse modo o conceito de artesanato aproxima-se do desenvolvimento da atividade artesanal transmitida através de gerações com técnicas primitivas, valores culturais refletidos pelo cotidiano e experiências de vida colaborando para geração de renda e utilizando matéria-prima facilmente disponível.

De acordo com Lima e Azevedo (1982, p.18), artesanato é definido como:

uma atividade predominantemente manual de produção de bens, exercida em ambiente doméstico ou em pequenas oficinas, postos de trabalho ou centros associativos, no qual se admite a utilização de máquinas ou ferramentas, desde que não dispensem a criatividade ou a habilidade individual e de que o agente produtor participe, diretamente, de todas ou quase todas as etapas da elaboração do produto.

Corroborando com essa argumentação, para a Central de Artesanato do Ceará (CEART, 2008):

Artesanato é uma atividade predominantemente manual que exige criatividade e habilidade pessoal. A matéria prima utilizada nessa produção pode ser natural, semi elaborada ou constituída de sobras industriais. Para produzir sua arte, o artesão poderá utilizar ferramentas manuais ou máquinas elétricas (exceto industriais) na execução do serviço. O artesão deve desenvolver sua atividade em ambiente doméstico, pequenas oficinas, grupos de produção e entidades associativas. O artesanato é reconhecido como grande valor social e cultural na sua produção artística e raízes tradicionais, éticas e contemporâneas.

A definição apresentada pelo SEBRAE (2004) destaca a habilidade e criatividade do artesão e reforça o envolvimento diretamente em todas ou quase todas as etapas de elaboração no processo produtivo.

Para o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior através do Programa do Artesanato Brasileiro (PAB), o artesanato:

Compreende toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (*possui valor simbólico e identidade cultural*), podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios. (MDIC, 2012, p.12)

De acordo com o BNB (2002), é importante destacar a eficiência do artesanato como promotor do desenvolvimento regional na medida em que atinge parcela significativa da população com um custo de investimento baixo, utiliza na maioria de suas tipologias matéria-prima natural existente, insere mulheres e adolescentes em atividades produtivas, incentiva a formação de associações, estimula o artesão a permanecer em seu lugar de origem, colaborando para evitar o crescimento desordenado tão comum atualmente nas grandes cidades.

O SEBRAE (2008) enfatiza a relação do artesanato com o resgate de tradições permitindo a manutenção dos aspectos culturais entre gerações proporcionando ganhos no sentido econômico. No aspecto social é destacada a capacidade de inclusão com incremento de renda e melhora da autoestima. Para o BNB (2002) o estímulo ao desenvolvimento do artesanato nordestino colabora para a redução das desigualdades socioeconômicas existentes na região bem como serve de instrumento para a manutenção e preservação dos valores da cultura popular local.

3.2 O Artesão

O artesão é o trabalhador autônomo responsável por transformar matéria-prima bruta ou manufaturada em produto acabado. O artesanato é produto da capacidade de transformação, habilidade e criatividade do artesão. Dentre os vários conceitos apresentados de economia criativa pode-se situar o artesão no capital humano como insumo da criatividade.

Existem múltiplos conceitos para definir o artesão, coincidindo com características como: profissional que fábrica através de processo manual ou com auxílio de ferramentas, exerce por conta própria uma arte, transforma matéria-prima em bens artísticos ou de consumo, conhece todas as etapas do processo produtivo.

O conceito apresentado por Gradwohl (1986 *apud* BNB, 2002, p. 47-49), considera o artesão como:

um ser que produz de modo autônomo, ou seja, como não depende, de maneira direta, para produzir dos meios de produção de terceiros ele mesmo procura desenvolver mecanismos para penetrar no mercado de bens e para escoar a produção, aproveitando-se das alternativas existentes. Um produtor tipicamente não assalariado (sem vínculo empregatício), que produz em condições de baixa capitalização, dispondo-se e utilizando-se de sua própria força de trabalho e dos seus meios de produção para produzir artesanato.

Segundo Barros (2006 *apud* DUARTE, 2010, p.86), os artesãos “são indivíduos que praticam o ofício artesanal, não industrial e não seriado, e que, detentores do saber técnico artesanal sobre as matérias-primas e as ferramentas para o desenvolvimento de produtos, dominam o conhecimento de todo o processo de produção artesanal”.

Conforme o Programa do Artesanato Brasileiro coordenado pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, o artesão:

É o trabalhador que de forma individual exerce um ofício manual, transformando a matéria-prima bruta ou manufaturada em produto acabado. Tem o domínio técnico sobre materiais, ferramentas e processos de produção artesanal na sua especialidade, criando ou produzindo trabalhos que tenham dimensão cultural, utilizando técnica predominantemente manual, podendo contar com o auxílio de equipamentos, desde que não sejam automáticos ou duplicadores de peças. (MDIC, 2012, p.11)

Os produtos artesanais além de depender basicamente do trabalho e habilidade do artesão, possuem dependência de aspectos associados à produção, qualificação, tecnologia e *design*. Para alcançar qualidade dos bens finais produzidos é necessário fazer um gerenciamento da produção e comercialização, através de qualificação específica para o artesão nessas áreas (BNB, 2002).

Muitos artesãos não procuram qualificação que possibilite entender melhor o funcionamento de seu negócio, isto pode ser explicado pela sobreposição de sua criatividade em detrimento do aprendizado gerencial. Este fator contribui para o surgimento das associações que são responsáveis por zelar pelo interesse de seus associados e estão regidas por seu estatuto social com representantes escolhidos através de assembleias. (BNB, 2002).

Para o BNB (2002), quando o artesão se utiliza de sua atividade para prover somente sua subsistência e a de seus familiares, não utilizando aspectos mais elaborados para aprimorar a administração, produção e comercialização do produto artesanal é considerado artesanato de subsistência. O artesão que procura se profissionalizar sem perder o traço de expressão da arte popular, mas seguindo modelos mais adaptados ao mercado tornando sua produção competitiva e rentável é considerado artesanato de mercado.

3.3 Categorias e tipologias de artesanato

De acordo com o SEBRAE (2004), os produtos artesanais são organizados em categorias e classificados conforme sua origem, uso e destino. Estas categorias representam o modo de produção e particularidades de quem a produz. São determinados os valores históricos e culturais do artesanato situando a produção artesanal no tempo e no espaço onde é produzido.

De acordo com a origem as classificações apresentadas são: artesanato indígena, constituído por objetos produzidos no seio de uma comunidade indígena, por seus próprios integrantes; artesanato de referência cultural é caracterizado pela incorporação de elementos culturais tradicionais da região onde é produzido; artesanato conceitual são objetos produzidos a partir de um projeto determinado de afirmação de um estilo de vida ou afinidade cultural, esta categoria investe forte na

inovação e possui apoio de sistemas de promoção envolvidos com movimento ecológico e naturalista, existem ainda os trabalhos manuais (exigem destreza e habilidade, porém utilizam moldes e padrões predefinidos), produtos alimentícios (processados segundo métodos tradicionais, em pequena escala, muitas vezes em família ou por um determinado grupo), produtos semi-industriais e industriais (“industriano” caracterizado por produção em grande escala, em série, com utilização de moldes e formas) (SEBRAE, 2004).

Quanto ao uso, os produtos artesanais típicos são classificados como: produtos decorativos (ornamentação e decoração de ambientes); religiosos (amuletos, imagens, adornos, altares, oratórios); lúdicos (jogos, bonecos, brinquedos); utilitários (produzidos para atender as demandas domésticas); adornos e acessórios (jóias, bijuterias, cintos, bolsas, peças para vestuário). O artesanato de acordo com o destino é classificado baseado no tipo de consumidor dos produtos artesanais e para onde é direcionada a produção artesanal (SEBRAE, 2004).

Os produtos artesanais também podem ser classificados de acordo com sua tipologia. Este termo é definido segundo MDIC (2012), como “Denominação dada ao segmento da produção artesanal, que determina a classificação por gênero, utilizando como referência a matéria-prima predominante, bem como sua funcionalidade.”

No artesanato, considera-se matéria-prima toda substância principal, de origem vegetal, animal ou mineral, utilizada na produção artesanal, que sofre tratamento e/ou transformação de natureza física ou química, resultando em bem de consumo. Ela pode ser utilizada em estado natural, depois de processadas artesanalmente/ industrialmente ou serem decorrentes de processo de reciclagem/reutilização. (MDIC, 2012, p.12)

Quadro 4 – Tipologias de Artesanato

Matéria-Prima Natural: De origem animal, vegetal e mineral	Origem de matéria-prima processada - Artesanal, industrial e com processos mistos
Areia Colorida, Borracha	Argila (Barro)
Ceras, massa, gesso e parafina	Barro
Chifres e ossos, dentes e cascos	Materiais Sintéticos
Conchas e escamas de peixes	Produtos que exigem certificação de uso
Couro, peles, penas, cascas de ovo	Alimentos e bebidas
Fibras Vegetais, fios e tecidos, madeira, metais	Aromatizantes de ambientes cosméticos
Papel, Pedras, Vidro	Brinquedos

Fonte: MDIC (2012)

De acordo com SEBRAE(2004), cada uma das cinco regiões brasileiras produz um grande volume de tipologias do artesanato. O Nordeste se destaca pela produção de rendas e bordados, a cerâmica e as cestarias e trançados. O estado do Ceará possui grande representatividade por ser um polo produtivo de artesanato constituído por uma estrutura de apoio e desenvolvimento local com ênfase na valorização da cultura.

3.4 Organização do Trabalho Artesanal

Conforme o SEBRAE (2004) existem diferentes formas de organização do trabalho artesanal. A produção do artesanato é possível devido à interação de diferentes atores desempenhando suas funções na organização do trabalho. O Quadro 5 apresenta um resumo dos atores, agentes, espaços e funções envolvidos na produção artesanal.

Quadro 5 – Organização do Trabalho Artesanal

Mestre Artesão	Sua maior contribuição é repassar, para as novas gerações, técnicas artesanais e experiências fundamentais de sua atividade.
Artesão	São aqueles detentores de conhecimento técnico sobre os materiais, ferramentas e processos de sua especialidade, dominando todo o processo produtivo.
Aprendiz	É o auxiliar das oficinas de produção artesanal, encarregado de elaborar partes do trabalho e que se encontra em processo de capacitação.
Artista	Em princípio, todo artista deve ser antes de tudo um artesão, no sentido de conseguir dominar o “saber fazer”, de sua área de atuação, ou simplesmente não conseguirá realizar a contento seus projetos e sua pretensão criativa.
Núcleo de Produção Familiar	A força de trabalho é constituída por membros de uma mesma família, alguns com dedicação integral e outros com dedicação parcial ou esporádica.
Cooperativa	As cooperativas são associações de pessoas de número variável (não inferior a 20 participantes) que se unem para alcançar benefícios comuns, em geral, para organizar e normalizar atividades de interesse comum.
Grupo de Produção Artesanal	Agrupamentos de artesãos atuando no mesmo segmento artesanal ou em segmentos diversos e que se valem de acordos informais
Empresa Artesanal	São núcleos de produção que evoluíram para a forma de micro ou pequenas empresas, com personalidade jurídica, regida por um contrato social.
Associação	Uma associação é uma instituição de direito privado sem fins lucrativos, constituída com o objetivo de defender e zelar pelos interesses de seus associados. São regidas também por estatutos sociais, com uma diretoria eleita em assembléia para períodos regulares.

Fonte: SEBRAE (2004)

Esta seção abordou o artesanato e seus conceitos com destaque para o papel do artesão responsável por transformar matéria prima em produtos artesanais. As categorias e tipologias artesanais foram enfatizadas com relevância, bem como o entendimento de organização do trabalho artesanal.

A seção seguinte abordará a metodologia com destaque para a pesquisa de campo com os artesãos na comunidade da Moita Redonda – Cascavel/CE.

4. METODOLOGIA

A presente seção tem por objetivo expor os procedimentos metodológicos utilizados na realização desta pesquisa, explicando todo o processo utilizado para a execução deste estudo e para obtenção dos resultados almejados.

4.1 Natureza da pesquisa

A natureza da pesquisa é do tipo exploratória e descritiva. Para Gil (1999), a pesquisa exploratória permite obter uma visão geral acerca de determinado fato. O uso deste tipo de pesquisa é realizado quando o tema escolhido é pouco explorado e bastante genérico, sendo necessária uma investigação mais ampla com revisão da literatura, discussão com especialistas e outros procedimentos.

A pesquisa descritiva, de acordo com Gil (1999), possui como objetivo principal descrever as características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relações entre variáveis. Uma das características principais deste tipo de pesquisa é a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados.

Diante dessas colocações considera-se o estudo exploratório haja vista o objeto de estudo na comunidade em questão ser pouco conhecido. O caráter descritivo está evidenciado pela necessidade de caracterizar os artesãos da comunidade através de coleta de dados.

Para o desenvolvimento de uma abordagem mais relevante sobre os objetivos propostos neste trabalho, foi elaborado um estudo de caso com os moradores da comunidade da Moita Redonda – Cascavel, Ceará.

Conforme Gil (1999), o estudo de caso é caracterizado por um estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos permitindo o seu conhecimento amplo e detalhado o que se torna impossível caracterizar através de outros tipos de delineamentos considerados. O estudo de caso vem sendo utilizado com frequência por pesquisadores com objetivo de auxiliar em pesquisas com diferentes propósitos.

4.2 Coleta de dados

A pesquisa foi realizada em duas etapas. A primeira etapa está associada à pesquisa bibliográfica. Na pesquisa bibliográfica os dados foram coletados através de livros, artigos, estudos monográficos, *sites*, jornais acerca dos temas criatividade, indústrias criativas, economia criativa e artesanato.

Na segunda etapa foi realizada a pesquisa de campo com os artesãos da comunidade da Moita Redonda, Cascavel – Ceará. A pesquisa de campo na comunidade ocorreu em 15 de novembro de 2013.

Foram elaborados dois roteiros de entrevistas sendo um deles direcionado aos artesãos da comunidade (Apêndice A) e o outro direcionado a Associação de Artesãos de Moita Redonda – AAMR (Apêndice B).

Participaram da pesquisa 28 (vinte e oito) artesãos abordados através do critério de acessibilidade em seus ateliers no momento em que estavam criando suas peças artesanais. Os sujeitos da pesquisa são representados da seguinte forma: E1, E2... E28, evitando-se assim a identificação dos entrevistados. Foi realizado também pesquisa através de entrevista com o presidente (A1) da Associação de Artesãos de Moita Redonda – AAMR em visita a sede da associação.

4.3 Artesanato na Comunidade da Moita Redonda – Cascavel/CE: estudo de caso

A Comunidade da Moita Redonda está localizada no município de Cascavel, Região Metropolitana de Fortaleza a 66 km de distância da capital do estado Fortaleza pela CE-040. A comunidade possui destaque pelo rico artesanato de barro produzido pelas famílias do local. Em Moita Redonda os artesãos expressam sua criatividade com a produção de peças utilitárias, lúdicas e decorativas. Na Figura 5 mostra-se a localização da comunidade.

Figura 5- Localização da comunidade da Moita Redonda.



Fonte: AAMR Associação de Artesãos de Moita Redonda (2012)

O município de Cascavel está localizado na macrorregião geográfica do litoral Leste/Jaguaribe e na mesorregião geográfica do norte cearense, a 66 km da capital do estado Fortaleza. A população do município de Cascavel é de 66.142 habitantes, com situação domiciliar urbana de 56.157 habitantes e rural de 9.985 habitantes com densidade demográfica de 78,99 hab/km². (IPECE, 2012)

Cascavel possuía um Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM), em 2010 de 33,39, situando-a como 26^o na posição do *ranking* dos municípios cearenses. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do município em 2010 foi de 0,646, índice considerado médio, situando o município na 27^a posição entre os municípios do Ceará. (IPECE, 2012)

O Índice de Exclusão Social (IES) do município, em 2000 era de 63,34. Seus indicadores de privação de água (Privágua) era de 84,97, o de privação de

saneamento (Privsane) era de 98,21, o de privação de serviço de coleta sistemática de lixo (Privlixo) era de 48,21, o de privação à educação (Priveduc) era de 30,30, e o de privação à renda monetária (Privrend) era de 78,51. (LEMOS, 2008)

O Produto Interno Bruto (PIB) do município, em 2010 estava em torno de R\$ 447137,000 mil e o PIB *per capita* de R\$ 6762,09. (IBGE, 2010) As principais atividades econômicas do município são: agricultura, indústria, comércio, turismo e artesanato.

O artesanato é um forte destaque de Cascavel. Na cidade, mais de 200 pessoas vivem da produção do artesanato de barro. No Sítio Boa Fé, distrito de Moita Redonda, 15 famílias produzem as mais variadas peças de cerâmica em uma técnica passada de pai para filho. As peças são vendidas em todo o Brasil e em países como Itália e Portugal. A família Muniz é uma das mais conhecidas, principalmente depois que passou a incrustar desenhos de renda nas peças. O barro utilizado como matéria-prima provém do rio Choró. O diferencial de qualidade nas peças produzidas em Moita Redonda, segundo contam, é o alisamento com a semente da Mucunã praticado pelos artesãos locais. Um dos frutos do artesanato da comunidade é a Orquestra de Barro, grupo musical formado só com instrumentos feitos do material. (CASCAVEL, 2013)

A comunidade da Moita Redonda está distante cerca de 1,6 km da CE-040 e 9,6 km do centro de Cascavel. O artesanato de barro produzido na comunidade é reconhecido como importante expressão popular do município. Aproximadamente 280 pessoas trabalham com artesanato de barro nesta localidade. São 45 ateliers ao longo da comunidade onde é possível ver os artesãos modelando o barro e dando forma a inúmeras peças. (Instituto Beija Flor, 2012)

A comunidade criou a “Rota do Caminho do Barro”, um percurso onde os turistas tem contato com o material do barro e a modelagem das peças. A “Rota do Caminho do Barro” é fruto da parceria entre a Secretaria de Turismo e Cultura de Cascavel e algumas Organizações Não Governamentais (ONGS). Outro destaque da comunidade é o Museu Vivo do Barro uma casa de barro e táipa com antigas peças e utensílios da cultura local exposto. O Museu tem como finalidade manter a tradição e o resgate da história do povo da região e do artesanato local produzido.

Figura 6- Mapa da rota turística do Museu Vivo do Barro da Moita Redonda e seus 45 ateliers.



Fonte: Instituto Beija Flor (2012)

Esta seção teve como finalidade abordar a metodologia utilizada para a realização deste trabalho. A seção seguinte se propõe a analisar os resultados obtidos através da pesquisa de campo realizado na comunidade da Moita Redonda em Cascavel/CE.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção serão apresentados os resultados obtidos através da pesquisa de campo realizada com os artesãos da comunidade da Moita Redonda, município de Cascavel.

5.1 Perfil socioeconômico dos artesãos da comunidade da Moita Redonda

Nesse item apresentam-se os dados demonstrando o perfil socioeconômico dos artesãos entrevistados.

Dos vinte e oito sujeitos entrevistados vinte foram do sexo feminino e oito do sexo masculino (Tabela 1). Esse dado demonstra maior participação das mulheres trabalhando nos ateliers da comunidade.

Tabela 1 – Distribuição dos artesãos por sexo

Sexo	Quantidade	Porcentagem
Feminino	20	71,43
Masculino	8	28,57
Total	28	100

Fonte: Dados da pesquisa de campo

A Tabela 2 apresenta a distribuição por idade dos participantes entrevistados. A faixa etária com maior representatividade é a de artesãos com idade entre quarenta e um e sessenta anos, representando (50%) dos entrevistados. O intervalo entre vinte um e quarenta anos responde por (32,14%) dos participantes. Com mais de sessenta anos, tem-se 17,86% e nenhum dos respondentes possui idade inferior a vinte anos.

O IBGE (2012) considera como população economicamente ativa pessoas de dez a sessenta e cinco anos que exercem atividade remunerada. Se for considerado a soma dos intervalos de vinte e um até sessenta anos tem-se um percentual de (82,14%) de artesãos dentro dos parâmetros de população economicamente ativa.

Tabela 2 – Idade dos participantes da pesquisa

Idade	Quantidade	Porcentagem
Inferior a 20 anos	0	0,00
De 21 a 40 anos	9	32,14
De 41 a 60 anos	14	50,00
Maior que 60 anos	5	17,86
Total	28	100

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Os artesãos da comunidade foram questionados sobre o seu grau de escolaridade. A Tabela 3 reúne os resultados.

Tabela 3 – Escolaridade dos participantes da pesquisa

Escolaridade	Quantidade	Porcentagem
Analfabeto	0	0,00
Ensino Fundamental Incompleto	12	42,86
Ensino Fundamental Completo	8	28,57
Ensino Médio Incompleto	4	14,29
Ensino Médio Completo	3	10,71
Ensino Superior Completo	1	3,57
Total	28	100

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Nenhum dos respondentes declarou ser analfabeto. A maioria dos entrevistados (42,86%) não concluiu o ensino fundamental. A porcentagem dos que concluíram o ensino fundamental soma (28,57%). O índice dos que não concluíram o ensino médio representa (14,29%). Declararam ter concluído o ensino médio (10,71%) e ainda (3,57%) afirmaram possuir nível superior completo.

Os dados mostram que a maioria dos artesãos da comunidade não conseguiu concluir seus estudos. A justificativa principal é a necessidade de trabalhar cedo para ajudar na renda familiar ou a inexistência de uma escola de ensino médio na comunidade. Esse fato pode ser evidenciado nas falas seguintes:

Tive de parar meus estudos ainda menina, pois a vida da gente não era fácil lá em casa. Meus pais não tinham dinheiro suficiente para sustentar a casa então precisei abandonar a escola e comecei a trabalhar. Hoje meus filhos estudam e quero que eles completem os estudos até o final. (E18)

Eu consegui completar até a oitava série na escola aqui da Moita Redonda, mas como não tem colégio que tenha ensino médio aqui perto de casa às coisas dificultaram. A escola é distante e eu trabalhava e estudava já. Tive que fazer opção entre o estudo e o trabalho, então resolvi mesmo me

dedicar ao artesanato e aprendi muito com o papai que é mestre artesão e com a maior escola da gente que é a vida né. (E13)

Os participantes responderam sobre a situação de sua renda (Tabela 4) e as fontes de renda (Tabela 5) e dentre estas fontes qual delas é a principal. Também foram perguntadas quais necessidades básicas são atendidas com o valor total da renda mensal.

A Tabela 4 contempla a distribuição dos rendimentos mensais dos artesãos entrevistados na comunidade da Moita Redonda. Percebe-se que os salários estão concentrados em três dos quatro estratos sugeridos na pesquisa. A maior concentração dos salários está no estrato mais de meio até um salário mínimo, representado por vinte artesãos o que corresponde 71,43% de frequência. No estrato de 1,1 a 5 salários mínimos estão cinco respondentes representando 17,86%. Apenas três artesãos dos vinte e oito entrevistados declararam possuir renda inferior a meio salário mínimo correspondendo a 10,71% dos entrevistados.

Tabela 4 – Distribuição dos salários

Renda Mensal	Quantidade	Porcentagem
até meio salário mínimo	3	10,71
mais de meio até um salário mínimo	20	71,43
de 1,1 a 5 salários mínimos	5	17,86
acima de 5 salários mínimos	0	0,00
Total	28	100

Fonte: Dados da pesquisa de campo

No que se refere às fontes de renda (Tabela 5), o entrevistado poderia fazer opção por mais de uma resposta. Os resultados da pesquisa evidenciaram que todos os vinte e oito artesãos entrevistados declararam como fonte de renda o artesanato.

O comércio foi citado por oito entrevistados que justificaram essa opção pelo fato de vender as peças em seus ateliers e também comercializar suas peças na tradicional feira de São Bento realizada todos os sábados na sede do município do Cascavel. Apenas três artesãos declararam receber o benefício do Programa Bolsa Família e somente um declarou receber pensão como parte do complemento de sua renda.

Tabela 5 – Fontes de renda dos artesãos

Fontes de renda	Quantidade	Porcentagem
Artesanato	28	70,00
Agricultura	0	0,00
Comércio	8	20,00
Indústria	0	0,00
Bolsa Família	3	7,50
Pensão	1	2,50
Trabalho como assalariado	0	0,00
Outras fontes de renda	0	0,00
Total	40	100

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Neste mesmo contexto, os participantes foram questionados sobre qual das fontes de renda apresentadas representava maior benefício para a composição de sua renda e quais necessidades básicas são atendidas através da renda com artesanato. Todos os artesãos declararam que o artesanato possui maior representatividade, assim como todos os respondentes confirmaram que a renda com artesanato permite satisfazer as necessidades básicas como: alimentação, vestuário, moradia e lazer.

Aqui a família toda trabalha com artesanato. Graças a Deus vivemos disso aqui e é moldando este barro que garanto o sustento meu, da mulher e dos meus filhos. A minha filha mais velha aprendeu a pintar as peças e o filho do meio me ajuda no preparo das peças e no forno. A filha mais nova tá estudando, mas aqui acolá quando precisa ela também ajuda a gente. (E11)

O artesanato é a atividade que escolhi pra fazer e não pretendo sair disso aqui não. É meu ganha pão, é aonde consegui construir minha casa, comprar minhas coisas, criar os filhos. A minha menina mais velha trabalha no comércio, mas o que ganhamos aqui tem muito mais valor do que trabalhar lá fora. (E8)

O que ganho com artesanato não é muito não, mas consigo viver com dignidade. Eu faço minha alimentação compro as coisas no mercantil, consigo minhas roupas comprando na feira, tenho aqui a minha casa e quando quero ter o lazer é do dinheiro com artesanato que sai tudo viu?! (E6)

Figura 7- Artesãs entrevistadas em seus ateliers.



Fonte: Fotografia tirada durante pesquisa de campo.

Todos os vinte e oito artesãos declararam possuir casa própria. Foi perguntado há quanto tempo os respondentes estão trabalhando com artesanato, vinte e três disseram trabalhar há mais de cinco anos e apenas cinco responderam estar trabalhando nessa atividade entre um e três anos.

Enquanto tem muita gente sofrendo pagando negócio de aluguel eu tenho aqui a minha casa que é simples e humilde, mas é minha. Eu tenho conforto é do jeito que eu gosto. Vivo muito bem aqui com a família toda. (E11)

Desta forma foi possível entender o perfil socioeconômico dos artesãos entrevistados, assim como a importância da atividade de artesanato sobre a renda, necessidades básicas e moradia dos respondentes.

5.2 O artesanato como indústria criativa: importância nas dimensões econômica e social.

Nesse item do trabalho tem-se a percepção dos artesãos da comunidade da Moita Redonda sobre a influência da atividade do artesanato sobre aspectos econômicos e sociais.

O Ministério da Cultura, Mídia e Esportes (*Department for Culture, Media and Sport – DCMS*) do Reino Unido classificou economia criativa como “indústrias que têm sua origem na criatividade individual, habilidade e talento e que têm um potencial de riqueza e criação de emprego através da geração e exploração da

propriedade intelectual" (DCMS, 1998, p.3). Segundo a UNCTAD (2008), a economia criativa tem a capacidade de promover a criação de empregos, exportação, geração de renda, inclusão social, diversidade cultural e desenvolvimento humano.

Estas definições abordadas na seção 2 serviram de suporte as perguntas aos artesãos da comunidade dentro das dimensões econômicas e sociais.

Dentro desse contexto a Tabela 6 mostra os resultados obtidos quando perguntado aos artesãos se a atividade de artesanato na comunidade consegue promover oportunidades para geração de trabalho (ocupação).

Tabela 6- Dimensão econômica do artesanato na comunidade: geração de trabalho (ocupação)

Questão	SIM		NÃO		NÃO SABE		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
O artesanato na comunidade promove oportunidades para geração de trabalho (ocupação)?	28	100	0	0	0	0	28	100

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Todos os vinte e oito artesãos entrevistados concordaram que o artesanato na comunidade é capaz de gerar trabalho (ocupação), isto comprova o potencial da atividade na geração de trabalho e ocupação na comunidade.

Outro assunto abordado dentro da dimensão econômica diz respeito a renda, conforme dados apresentados na Tabela 7.

Tabela 7 - Dimensão econômica do artesanato na comunidade: geração de renda

Questão	SIM		NÃO		NÃO SABE		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Você identificou melhoria na sua renda desde que começou a trabalhar com artesanato?	28	100	0	0	0	0	28	100

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Para 100% dos moradores entrevistados houve melhoria na renda após começarem a trabalhar com artesanato. Ainda nessa temática os moradores responderam como principais benefícios conquistados trabalhando com artesanato nos últimos anos: a melhoria da renda familiar, casa própria, compra de maquinário, alimentação, vestuário e lazer.

A comunidade aqui é conhecida pelo artesanato e tudo que a gente consegue de renda e melhoria vem do artesanato. Tem oportunidade pra mais gente, mas tem que ter paciência em aprender né. Eu to aqui pra mais de dez anos tem tempo bom e tempo ruim tem que se acostumar. (E2)

Desde que comecei com artesanato minha renda melhorou e me sinto feliz porque é meu trabalho e é honesto. Aqui é tudo muito simples, mas é desse barro aqui que consegui construir muita coisa na minha vida. (E4)

Diante do exposto foi possível verificar a influência da atividade de artesanato como indústria criativa na economia local da comunidade da Moita Redonda. Os artesãos evidenciaram que esta atividade é capaz de gerar ocupação e também melhoria de renda.

Isto corrobora com Santos-Duisenberg (2008), a qual afirma existir influência da economia criativa dentro das economias locais através da geração de emprego e como consequência existe um aumento de oportunidades favorecendo a diminuição da pobreza. As atividades criativas ligadas a elementos mais tradicionais colaboram na inclusão de minorias mantidas a distância, conseguem atrair jovens talentos marginalizados e promove equilíbrio de gêneros na força de trabalho criativa. Para Deheinzelin (2008), a economia criativa promove geração de emprego e renda e possui forte caráter inclusivo com a qualificação do capital humano, elevação da autoestima e estímulo da cidadania.

Sobre o caráter inclusivo da economia criativa dentro da comunidade da Moita Redonda foram direcionadas perguntas relacionadas à sua satisfação, autoestima, motivação, qualificação e se houve aumento recente do número de artesãos trabalhando na comunidade.

Tabela 8 – Dimensão social do artesanato na comunidade: nível de satisfação

Questão	SIM		NÃO		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Você esta satisfeito trabalhando como artesão?	25	89,29	3	10,71	28	100

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Tabela 9 – Dimensão social do artesanato na comunidade: interesse pelo trabalho formal.

Questão	SIM		NÃO		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Se tivesse oportunidade deixaria o trabalho com artesanato para trabalhar em um emprego formal?	0	0	28	100	28	100

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Segundo informado na Tabela 8, a maioria dos respondentes (89,29%) está satisfeito trabalhando como artesão. Apenas três artesãos demonstraram insatisfação com o seu trabalho. Entre as justificativas para os que responderam não estar satisfeitos estão os ciclos de vendas inconstantes, pouco lucro e a falta de divulgação das peças produzidas pelos artesãos da comunidade.

Cada ano que passa diminui o lucro vendendo nossas peças. Tem mês que não vende quase nada e fico até no prejuízo. Aqui os turistas dificilmente aparecem por causa da pouca divulgação. Precisa das pessoas valorizarem mais o artesanato, essas coisas desanimam a gente. (E5)

Com relação à Tabela 9 questionou-se aos respondentes se gostariam de trocar o trabalho informal desempenhado atualmente pelo trabalho formal. Todos os vinte e oito artesãos entrevistados responderam que não trocariam o seu ofício como artesão para trabalhar em algum emprego formal. O resultado demonstra que mesmo trabalhando na informalidade os artesãos estão satisfeitos com seu trabalho.

Segue trechos das falas dos sujeitos da pesquisa:

Já trabalhei antes disso aqui em uma indústria de castanha de caju e não vi minha vida progredir. Era muito trabalho e nenhum reconhecimento. Salário baixo e eu era desestimulado. Aqui trabalho no que é meu, com minha família e ta dando certo. (E11)

Entre trabalhar pros outros e no meu negócio eu prefiro aqui, além do mais eu só sei fazer isso aqui e pela idade eles não contratam gente velha não, por isso gosto aqui do artesanato. (E2)

Tabela 10 – Dimensão social do artesanato na comunidade: Aumento do número de artesãos

Questão	SIM		NÃO		NÃO SABE		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Nos últimos dois anos, você percebeu aumento de artesãos trabalhando na comunidade?	0	0	21	75,00	7	25,00	28	100

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Foi perguntado aos artesãos da comunidade se nos últimos dois anos aumentou o número de artesãos trabalhando na comunidade (Tabela 10). Para 75% dos entrevistados não houve aumento do número de artesãos, 25% respondeu não saber e nenhum deles informou existir alteração. Esta pergunta procurou identificar se na dimensão social e de inclusão a atividade de artesanato tem potencial para agregar novos sujeitos interessados pela atividade. Segue justificativa de um dos artesãos para o desinteresse em trabalhar nesta atividade:

Hoje tem muito desinteresse dos jovens em aprender o artesanato. Não tem estímulo em continuar com nossa tradição. A moçada não ta interessada em aprender e não tem nenhum incentivo pra isso. A gente que ta há mais tempo sabe que o artesanato é bom e garante o sustento. Ta correndo o risco de quando os mais velhos como eu se for isso tudo aqui acabar. (E2)

Nesse sentido, perguntou-se aos sujeitos da pesquisa se era do conhecimento deles o interesse de amigos e familiares em trabalhar com artesanato. Vinte e um respondentes afirmaram desconhecer o interesse e apenas sete afirmaram conhecer pessoas interessadas, a principal justificativa para o não interesse foi que a maioria tem receio por ser uma atividade sem renda mensal fixa e também pelos investimentos a serem feitos para montagem do atelier.

Tabela 11 - Dimensão social do artesanato na comunidade: autoestima dos artesãos

Questão	SIM		NÃO		NÃO SABE		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
O trabalho com artesanato permite que você possua autoestima e orgulho por manter a tradição e a cultura através das peças produzidas?	28	100	0	0	0	0	28	100

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Tabela 12 - Dimensão social do artesanato na comunidade: satisfação e motivação aliadas à criatividade

Questão	SIM		NÃO		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Você se sente satisfeito em expressar a criatividade através das peças que produz?	28	100	0	0	28	100
Você se sente motivado a criar novas peças ou desenhos além do que já é produzido tradicionalmente?	28	100	0	0	28	100

Fonte: Dados da pesquisa de campo

De acordo com a Tabela 11, constatou-se que 100% dos artesãos possuem autoestima e orgulho por manter viva a tradição e a cultura através do artesanato produzido. A Tabela 12 demonstra que 100% dos artesãos estão satisfeitos em expressar a criatividade em suas peças produzidas e estão motivados para novas criações em seus ateliers. Estas perguntas procuraram evidenciar dentro da dimensão social o caráter de inclusão social na economia criativa através da autoestima, satisfação e motivação no âmbito da criatividade e da ocupação do artesão.

O artesão que não cria ele fica pra trás. Aqui a criatividade tem que ser sem limites. Eu me sinto alegre porque aqui o atelier da família é especializado em artesanato de renda. Eu vendo nossas peças para muitos restaurantes grandes e conhecidos de Fortaleza. As minhas peças estão na cozinha e na mesa de muita gente. Isso é muito importante pra mim. (E26)

Para verificar se a atividade é capaz de qualificar os artesãos da comunidade, os entrevistados foram perguntados se participaram de algum curso para aperfeiçoar as técnicas de produção, comercialização e como adquiriram conhecimento para desempenhar suas atividades. Dezesesseis dos vinte e oito artesãos declararam não ter participado de curso algum, doze entrevistados afirmaram ter feito cursos promovidos pelo SEBRAE e Instituto Beija Flor. A maioria dos artesãos entrevistados adquiriu conhecimento para desempenhar suas atividades no artesanato através de familiares e mestres artesãos da comunidade.

Figura 8- Forno para cozedura das peças de barro e artesã modelando o barro.



Fonte: Fotografia tirada durante pesquisa de campo.

5.3 Relevância da Associação de Artesãos de Moita Redonda – AAMR para o artesanato local

Nesse item são apresentados os dados sobre a participação dos artesãos entrevistados na associação e ainda os resultados obtidos a partir de entrevista com o presidente da AAMR.

A Associação de Artesãos de Moita Redonda (AAMR) foi criada reunindo um pequeno grupo de artesãos com o objetivo de auxiliar os trabalhadores do

artesanato local na busca de soluções para os principais problemas e assessoria para o crescimento e melhor visibilidade do artesanato na comunidade.

Nesse contexto, os artesãos entrevistados foram questionados sobre sua participação na associação (Tabela 13) e em caso afirmativo o tempo médio como associado e quais os benefícios adquiridos.

Tabela 13 – Participação dos artesãos na associação

Questão	SIM		NÃO		TOTAL	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Você participa da associação?	9	32,14	19	67,86	28	100

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Dos vinte e oito respondentes, dezenove informaram não fazer parte da associação e nove afirmaram estar associados. O tempo médio de participação na associação varia de dois meses a dez anos e os principais benefícios apontados são: os cursos ofertados em parceria com a associação, reuniões e empréstimo da máquina maromba. Esta máquina é responsável por transformar o barro em uma massa compacta e homogênea. Sem o uso da maromba os artesãos precisam realizar esse processo pisando no barro resultando em mais tempo para um menor volume de barro compactado.

Figura 09- Maromba para compactação do barro.



Fonte: Fotografia tirada durante pesquisa de campo.

A fim de verificar a importância da associação para o artesanato da comunidade, foi elaborado um roteiro de entrevistas direcionado ao presidente da Associação de Artesãos de Moita Redonda – AAMR. A entrevista foi realizada na sede da associação no mesmo dia em que foram entrevistados os artesãos em seus ateliers. A seguir serão apresentados os resultados obtidos.

A principal motivação dos artesãos estarem associados se deve pelo fato da associação estar comprometida em apoiar o artesanato local buscando incentivos e melhorias que beneficiem os artesãos em prol de um objetivo comum.

A associação é uma válvula de escape para os artesãos, aqui nós procuramos promover o artesanato local e tratamos os trinta associados com igualdade e respeito. (A1)

A associação possui um estatuto e as reuniões são realizadas de dois em dois meses devidamente registradas em ata e livro de frequência. As eleições para presidência da associação acontecem de dois em dois anos e são abertas para toda a comunidade.

Para promover o artesanato local a associação está sempre procurando participar e informar a comunidade sobre os principais editais de exposição, isto se deve ao elo entre associação e instituições como SEBRAE e CEART. Estas instituições em parceria com a associação promovem cursos para os artesãos periodicamente. Na busca por melhorias e maior apoio para os artesãos, à associação procura apresentar projetos para órgãos públicos e organizações não governamentais.

Eu digo que é importante ser associado porque aqui tem mais oportunidade para o artesão. O SEBRAE e a CEART procuram primeiro aqui a associação e é através deles que saem os editais para exposições. Nós somos responsáveis por ser esse canal de comunicação entre artesãos e instituições. (A1)

Devido a elaboração de um projeto apresentado a uma ONG do estado do Rio de Janeiro a associação recebeu três marombas. Estas máquinas são emprestadas para todos os associados por um período de uma semana. Para receber a maromba em seu atelier o artesão precisar estar associado por pelo menos dois meses, é necessário também estar com a contribuição de R\$ 2,00 por mês em dia e por fim qualquer dano ao equipamento é de responsabilidade do

artesão que estava com a máquina naquele período. Todos estes itens estão constando no estatuto da associação.

Estamos aqui na associação sempre procurando participar de projetos que tragam benefícios para os associados. O último foram as marombas conseguidas através de uma ONG do Rio de Janeiro. Eles visitaram a comunidade algumas vezes, até que demorou um pouco a sair o resultado, mas foi uma satisfação. Eu quero procurar me atualizar e participar de mais projetos para beneficiar todo mundo. (A1)

Além do trabalho voltado para o artesanato, a associação procura canalizar as demandas da comunidade disponibilizando um professor e um agente de saúde para visitação as casas e ateliers dos moradores. Os moradores têm oportunidade de apontar às melhorias que precisam e a associação procura direcionar estas demandas para os órgãos competentes. Entre as melhorias recebidas recentemente estão   instalação de chafarizes pela prefeitura e a colocação de um telefone público.

Entre as dificuldades pelas quais a comunidade e a associação passam estão   falta de água encanada, ausência de posto de saúde, melhoria no acesso a comunidade, número pequeno de artesãos associados, frequência de associados em reuniões, maior união do grupo, avanço nos projetos e acesso as informações de editais, exposições, feiras e eventos que chegam com frequência   associação tardiamente.

Figura 10- Entrevista com o Presidente da Associação de Artesãos de Moita Redonda - AAMR



Fonte: Fotografia tirada durante pesquisa de campo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O reconhecimento da economia criativa como potencial instrumento de transformação econômica e social influenciou a elaboração desta pesquisa. Considerando o artesanato como indústria criativa, o objetivo geral proposto foi verificar o papel do artesanato na comunidade da Moita Redonda – Cascavel/CE

Com relação ao primeiro objetivo específico identificar o perfil socioeconômico dos artesãos, os resultados obtidos destacaram uma participação maior de mulheres nos ateliers, a faixa etária de maior representatividade compreende os artesãos com idades entre quarenta e um e sessenta anos. Quanto a escolaridade prevalece o ensino fundamental incompleto, o estrato salarial de maior representatividade é o de meio até um salário mínimo e a renda principal é proveniente do trabalho com artesanato.

O segundo objetivo específico procurou verificar a importância do artesanato como indústria criativa nas dimensões econômica e social. Os resultados obtidos na dimensão econômica evidenciaram o artesanato como atividade capaz de gerar trabalho (ocupação) para a comunidade, todos os artesãos concordaram que houve melhoria de renda trabalhando com artesanato. Na dimensão social os resultados obtidos confirmaram o caráter inclusivo da economia criativa através do nível de satisfação, motivação e autoestima dos artesãos.

Foi possível perceber o desinteresse pelo trabalho formal e que não houve aumento do número de artesãos na comunidade devido à falta de interesse dos jovens e instabilidade quanto à renda fixa mensal. Uma parcela representativa dos artesãos procuraram se qualificar através de cursos, mas a principal forma de aprendizado se dá no seio familiar ou através dos mestres artesãos.

O terceiro objetivo específico buscou compreender a relevância da associação para o artesanato local. É importante destacar a participação da associação no apoio aos artesãos e também a comunidade. A associação colabora na promoção do artesanato local em feiras, eventos, exposições, procura viabilizar projetos e promover cursos. A associação recebe demandas da comunidade e procura direcioná-las para órgãos competentes. Os maiores problemas enfrentados

pelos moradores são acesso ruim a comunidade, falta de água encanada e posto de saúde.

Considerando a existência de poucos estudos sobre economia criativa e também sobre o artesanato, espera-se com o desenvolvimento desta pesquisa ter colaborado com o tema proposto proporcionando maior visibilidade à economia criativa e principalmente a esta atividade tão tradicional e simbólica que é o artesanato, em especial, no estado do Ceará.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DE ARTESÃOS DE MOITA REDONDA – AAMR. **Cerâmica de Cascavel**. Cascavel, 2012. (Folder)

BNB. BANCO DO NORDESTE. **Ações para o desenvolvimento do artesanato no Nordeste**. 2. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2002. 356 p.

CASCAVEL, Prefeitura Municipal. **História de Cascavel**. Disponível em: <http://www.cascavel.ce.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=45&Itemid=100> Acesso em 16 de novembro de 2013.

CEART. **Central de Artesanato do Ceará**. O artesanato. Disponível em <<http://www.ceart.ce.gov.br/dlgArtesanato.aspx>>. Acesso em: 20 de maio de 2013.

DCMS. Department for Culture, Media and Sport (Departamento de Cultura, Mídia e Esporte do Reino Unido). **Creative industries mapping document**. Disponível em: <http://www.culture.gov.uk/reference_library/publications/4632.aspx>. Acesso em: 05 de maio de 2013.

DECON. **Estudos para o desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro: a cadeia da indústria criativa no Brasil**. Rio de Janeiro: DECON (Divisão de Estudos Econômicos), n. 2, 2008. Disponível em: <http://www.firjan.org.br/notas/media/A_Cadeia_da_Industria_Criativa_no_Brasil1.pdf>. Acesso em 05 de maio de 2013.

DEHEINZELIN, L. Economia Criativa, Sustentabilidade e Desenvolvimento Local In: REIS, Ana Carla Fonseca; DEHEINZELIN, Lala (org.). **Caderno de Economia Criativa: Economia Criativa e Desenvolvimento Local**. Espírito Santo: SEBRAE/ES e SECULT, 2008. Cap. 2, p. 27-40.

DUARTE, M F. **Desenvolvimento de carreira na indústria criativa cearense: histórias de vida de Mestres da Cultura do artesanato**. 2010. 206 p. Dissertação (Mestrado em Administração e Controladoria). Curso de Pós-Graduação em Administração e Controladoria. Universidade Federal do Ceará.

FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUARIA E CONTABILIDADE. **Manual para elaboração de monografia**. Fortaleza: FEAAC, 2012.

FILGUEIRAS, A. P. A. **Aspectos socioeconômicos do artesanato em comunidades rurais no Ceará: o bordado de Itapajé-CE**. 2005. 122 p. Dissertação (Mestrado em Economia Rural). Curso de Pós-Graduação em Economia Rural. Universidade Federal do Ceará.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999

HOWKINS, J. **The Creative Economy**: how people make money from ideas. London: Penguin Books, 2001.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Indicadores**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 16 de novembro de 2013.

INSTITUTO BEIJA FLOR. **Museu Vivo do Barro**. Cascavel, 2012. (Folder)

IPECE – **Instituto de Pesquisa e Estratégica Econômica**. Perfil básico municipal. Disponível em: <http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil_basico/pbm2005/Cascavel_Br_office.pdf>. Acesso em 16 de novembro de 2013.

IPECE – **Instituto de Pesquisa e Estratégica Econômica**. Perfil básico municipal. Disponível em: <http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil_basico/pbm-2012/Cascavel.pdf>. Acesso em 16 de novembro de 2013.

JAGUARIBE, A. Indústrias Criativas. **Revista Idiossincrasia**, 2006. Disponível em: <<http://www.literal.com.br/acervodoportal/industrias-criativas-1388/>>. Acesso em: 26 de outubro de 2013.

LEMOS, José de Jesus Souza. **Mapa da Exclusão Social no Brasil**: radiografia de um país assimetricamente pobre. 2º ed. Fortaleza: Banco do Nordeste Brasil, 2008.

LIMA, A. A. M.; AZEVEDO, I. M. **O Artesanato nordestino**: características e problemática atual. Fortaleza: Banco do Nordeste/ETENE, 1982.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC). **Programa do Artesanato Brasileiro**: Base conceitual do artesanato brasileiro. 2012. Disponível em: <www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1347644592.pdf >. Acesso em: 20 de maio de 2013.

REIS, A. C. F. **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento**: uma visão dos países em desenvolvimento. São Paulo: Itaú Cultural, 2008. Cap. 1, p. 14-49.

SANTOS-DUISENBERG, E. A economia criativa: uma opção de desenvolvimento viável? In: REIS, Ana Carla Fonseca (Org.). **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento**: uma visão dos países em desenvolvimento. São Paulo: Itaú Cultural, 2008. Cap. 2, p. 50-73.

SEBRAE. **Artesanato**: um negócio genuinamente brasileiro. v. 1, n. 1, mar., 2008, 52 p. Disponível em: <[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/764444293DCE5E2B8325741100528C75/\\$File/NT000375E6.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/764444293DCE5E2B8325741100528C75/$File/NT000375E6.pdf) >. Acesso em: 21 de maio de 2013.

_____. **Estudo Setorial do Artesanato**. Ceará, Sebrae-CE, 2009. 73 p. Disponível em :<[https://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/E1B356515E8B5D6D83257625006D7DA9/\\$File/NT00041F56.pdf](https://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/E1B356515E8B5D6D83257625006D7DA9/$File/NT00041F56.pdf)> Acesso em: 22 de maio de 2013.

_____. **Programa Sebrae de Artesanato**: Termo de Referência. Brasília: SEBRAE, 2004. 99 p. Disponível em: < [http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/83B80234261B3CD683257249004FEBEF/\\$File/NT00034A92.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/83B80234261B3CD683257249004FEBEF/$File/NT00034A92.pdf)>. Acesso em: 20 de maio de 2013

THROSBY, D. **A New Moment for Cultural Policy?** In: Rsearchers" and Practitioners" Forum. 2007. Disponível em: <www.wa.ipaa.org.au/download.php?id=29> Acesso em: 10 de maio de 2013.

UNCTAD. **Creative Economy Report 2008**. Disponível no sítio da United Nation Conference on Trade and Development. Disponível em: <www.unctad.org/en/docs/ditc20082cer_en.pdf> . Acesso em 05 de maio de 2013.

WIPO. **Guide on surveying the economic contribution of the copyright-based industries**. World Intellectual Property Organization. Geneva: WIPO, 2003. 104p.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevistas direcionado aos artesãos da comunidade.



Entrevista: ___ Data: ___/___/___

Nome (opcional):

PARTE I - PERFIL DO ENTREVISTADO

1) Idade do entrevistado:

- Inferior a 20 anos De 21 a 40 anos De 41 a 60 anos
 Maior que 60 anos

2) Sexo:

- Masculino Feminino

3) Escolaridade

- Analfabeto Ens. Fundamental Incompleto Ens. Fundamental Completo
 Ens. Médio Incompleto Ens. Médio Completo Ens. Superior Completo

4) Renda Familiar:

- até meio salário mínimo mais de meio até um salário mínimo
 de 1,1 a 5 salários mínimos acima de 5 salários mínimos

5) Fonte de Renda da Família:

- Artesanato Agricultura Comércio Indústria Bolsa Família
 Pensão Trabalho como assalariado Outras fontes de renda. Quais?

- Qual delas é a principal. _____

6) Há quanto tempo trabalha com artesanato:

- Menos de 1 ano Entre 1 e 3 anos Entre 3 e 5 anos
 Mais de 5 anos

7) Possui casa própria?

- Sim Não

8) A renda obtida com o artesanato lhe permite atender quais das suas necessidades básicas?

- Alimentação Vestuário Moradia Lazer

PARTE II – ATIVIDADE DO ARTESANATO

9) Você está satisfeito trabalhando como artesão?

Sim Não - Se não, justifique?

10) O artesanato na comunidade promove oportunidades para geração de trabalho (ocupação)?

Sim Não Não sabe

11) Você identificou melhoria na sua renda desde que começou a trabalhar com artesanato?

Sim Não Não sabe

12) Nos últimos dois anos, você percebeu aumento de artesãos trabalhando na comunidade?

Sim Não Não sabe

13) O trabalho com artesanato permite que você possua autoestima e orgulho por manter a tradição e a cultura através das peças produzidas.

Sim Não Não sabe

14) Se tivesse oportunidade deixaria o trabalho com artesanato para trabalhar em um emprego formal?

Sim Não - Se sim, justifique?

15) Você conhece amigos ou familiares que gostariam de trabalhar com artesanato?

Sim Não - Se sim, justifique?

16) Você se sente satisfeito em expressar a criatividade através das peças que produz?

Sim Não

17) Você se sente motivado a criar novas peças ou desenhos além do que já é produzido tradicionalmente?

Sim Não - Se não, justifique?

18) Qual o público alvo comprador das peças artesanais?

() Turista () Morador da região () Pessoas que compram para revender

() Outros _____

19) Quais as principais dificuldades em trabalhar com artesanato na comunidade?

20) Quais os benefícios conquistados nos últimos anos trabalhando com artesanato?

21) Você participou de algum curso para aperfeiçoar as técnicas na produção e comercialização das peças?

() Sim () Não Se sim, qual _____

22) Como adquiriu conhecimento para desempenhar sua atividade?

PARTE III – ASSOCIAÇÃO

23) Você participa da associação?

() Sim () Não

24) Caso a resposta seja sim, há quanto tempo faz parte da associação?

25) Em caso afirmativo, que benefícios essa participação traz para você como associado?

APÊNDICE B – Roteiro de entrevistas direcionado ao presidente da Associação de Artesãos da Comunidade de Moita Redonda – AAMR



Entrevista: ___ Data: ___/___/___

Representante:

1. Ano de Fundação: _____
2. Atualmente quantos artesãos estão associados? _____
3. As pessoas que trabalham com a associação exercem suas atividades atraídas por alguma motivação específica?

4. Esta associação possui regimento () ou estatuto ()?

5. Possui algum instrumento de registro?

(1) Nenhum

(2) Ata de reunião

(3) Livro ou caderno de registro

(4) Computador

(5) Livro de frequência

6. A associação recebe e/ou recebeu algum tipo de investimento ou cursos para desenvolvimento dos artesãos

(1) Sim Qual? _____

(2) Não

7. Qual o papel da associação frente aos artesãos?

8. Quais as principais dificuldades encontradas pela associação?

APÊNDICE C- Entrevista com artesãos da comunidade da Moita Redonda

Figura 11 – Entrevista em atelier da comunidade



Fonte: Fotografia tirada durante pesquisa de campo.

APÊNDICE D- Artesanato da Comunidade

Figura 12- Artesanato de renda produzido na comunidade



Fonte: Fotografia tirada durante pesquisa de campo.